

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

ALINE DA SILVA DUTRA

**O PROTAGONISMO NEGRO NOS CONTOS DE FADAS
MODERNOS**

FLORIANÓPOLIS
2017

ALINE DA SILVA DUTRA

**O PROTAGONISMO NEGRO NOS CONTOS DE FADAS
MODERNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC) para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane
Santana Dias Debus

FLORIANÓPOLIS
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dutra, Aline da Silva

O protagonismo negro nos contos de fadas
modernos / Aline da Silva Dutra ; orientador,
Eliane Santana Dias Debus, 2017.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Contos de Fadas Tradicionais e
Modernos. 3. Cultura Africana e Afro-brasileira. 4.
Educação Antirracista. I. Debus, Eliane Santana
Dias. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Pedagogia. III. Título.

ALINE DA SILVA DUTRA

**O PROTAGONISMO NEGRO NOS CONTOS DE FADAS
MODERNOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de novembro de 2017.

Prof.^a Dr.^a Patrícia Laura Torriglia
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eliane Santana Dias Debus
Orientadora (MEN/CED/UFSC)

Prof.^a Dr.^a Joana Célia dos Passos (EED/UFSC)

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Rita Moreira (Secretaria de Educação do
Estado/PPGE/UFSC)

Prof.^a MSC Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira (Secretaria de
Educação do Estado/PPGE/UFSC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e saúde até aqui.

Aos meus pais, Valmor e Rosângela, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e me lembrando da importância dos estudos em minha vida.

Aos meus irmãos, Israel e, especialmente, Raquel, que me fortaleceram perante as dificuldades, me encorajaram a ir adiante e concluir essa etapa da minha vida.

Ao meu namorado, Felipe, meu companheiro e amigo, que me incentivou neste caminho dos estudos, me deu suporte nos momentos de dúvidas e incertezas, me ajudando a não desistir.

A minha sobrinha, Raíssa, por seu amor e companhia, me fazendo rir nos momentos difíceis.

Aos meus amigos que fiz ao longo desse processo, os companheiros de trabalhos, que juntos passamos por essa etapa de formação.

Aos professores que tive durante a graduação por sua paciência e atenção, principalmente aos professores, Jéferson Dantas, Mauro Tilton e Orlando Ferretti, que me deram um braço amigo para que eu não desistisse e estivesse agora concluindo a minha graduação.

A minha orientadora, Eliane Debus, que, com muita paciência, me auxiliou na construção deste trabalho desde o início, me norteando nas minhas ideias. Obrigada pela dedicação, pela confiança, pelas orientações durante este processo e pelas obras comigo compartilhadas que foram extremamente significativas na minha formação.

A Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de fazer o Curso, pelos ensinamentos durante minha graduação.

A banca examinadora, pela disposição e contribuição neste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse realizado e que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar os contos de fadas modernos, em particular as narrativas que apresentam personagens negras como protagonistas e a importância das releituras contemporâneas para uma educação antirracista, auxiliando na formação de cidadãos críticos e na construção de uma sociedade mais justa, que respeite as diferenças. Para análise dos contos modernos foram selecionados dois títulos *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015), ambos adaptados por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões, e ilustrados por Walter Lara. Os títulos fazem parte da “Coleção Pra Lá e Pra Cá”, publicados pela Editora Mazza (Belo Horizonte). Para trabalharmos as distinções entre os contos nos valemos da versão de *Cinderela*, de Charles Perrault e da versão de *Rapunzel*, dos irmãos Grimm. Utilizou-se como referencial para a análise as características estilísticas e estruturais da narrativa primordial novelesca e as características estilísticas e estruturais da narrativa contemporânea, elencadas por Nelly Novaes Coelho (2000). A análise permitiu exemplificar a inserção dos elementos que dão novo significado às narrativas feéricas tradicionais. A partir disso foi possível compreender e valorizar os elementos da cultura africana e afro-brasileira presentes nas narrativas, e assim construir uma educação de igualdade, antirracista, que valoriza a história, a cultura e a identidade negra, por meio dessas histórias há muito tempo conhecidas e lidas por todos.

Palavras-chave: Contos de Fadas Tradicionais e Modernos; Cultura Africana e Afro-brasileira; Educação Antirracista.

ABSTRACT

This academic work aims to investigate modern fairy tales, in particular the narratives that portray black characters as protagonists and the importance of contemporary re-readings for an antiracist education, helping in the formation of critical citizens and in building a more just society that respects the differences. For the analysis of the modern short stories, two titles were selected: Rapunzel and Quibungo (2012), Cinderella and Chico Rei (2015). Both of them adapted by Cristina Agostinho and Ronaldo Simões, and illustrated by Walter Lara. The titles are part of the "Pra Lá and Pra Cá Collection", published by Mazza (Belo Horizonte). In order to work the distinctions between the stories we use the version of Cinderella, by Charles Perrault and the version of Rapunzel, by the brothers Grimm. The stylistic and structural characteristics in the essence of novel narrative and the stylistic and structural characteristics of the contemporary narrative, named by Nelly Novaes Coelho (2000), were used as a reference for the analysis. The analysis allowed the exemplification of the insertion of the elements that give new meaning to the traditional fairy tales. From this, it was possible to understand and value the elements of African and Afro-Brazilian culture present in the narratives, and, thus, to construct an education of equality, antiracist, that values history, culture and the black identity through these well known stories and read by all.

Keywords: Traditional and Modern Fairy Tales; African and Afro-Brazilian Culture; Anti-Racist Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Rapunzel e o Quibungo.....	45
Imagem 2 – Cinderela e Chico Rei.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. OS CONTOS DE FADA ONTEM E HOJE	21
2.1. OS CONTOS DE FADA TRADICIONAIS: UM ONTEM SEMPRE	23
2.2. OS CONTOS DE FADA MODERNOS: SEMPRE ONTEM	28
3. O PROTAGONISMO NEGRO NOS CONTOS DE FADAS MODERNOS.....	39
3.1. NARRATIVAS FEÉRICAS COM PERSONAGENS NEGRAS	42
3.2. ANÁLISE DAS NARRATIVAS FEÉRICAS COM PERSONAGENS NEGRAS	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Graduanda da 9º fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) iniciei os estudos nessa instituição no ano de 2013. Escolhi como tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) os *Contos de Fadas*. O interesse neste gênero literário surgiu ainda em minha infância ao ouvir e ler histórias como *Cinderela*, *A Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela e a Fera*, entre muitas outras. Tais narrativas me conduziam a um mundo imaginário em que tudo era possível, a uma terra cheia de entusiasmo, fascinante, que me encantava e encanta ainda hoje, e por certo encanta e encantará ainda muitas gerações de crianças e adultos.

O fascínio pelos contos de fadas se estendeu ao mundo adulto e quando da escolha do tema de pesquisa para o TCC ele ressurgiu com força total, na quinta fase do Curso de Pedagogia, no primeiro semestre de 2015, mais especificamente na disciplina de Literatura e Infância (MEN 7132), na época ministrada pela professora Lilane Maria de Moura Chagas. Nessa disciplina vimos a importância da Literatura na formação leitora, principalmente das crianças. Tais histórias trazem diferentes narrativas de diversas épocas e lugares em situações variadas. Essas histórias se fazem presentes ainda hoje nas releituras com personagens vivendo no mundo moderno, as quais as crianças podem se identificar e experimentar várias emoções por meio de suas aventuras.

Ler os clássicos, segundo Machado (2002), propicia ao leitor enorme prazer, “é o gosto pela imersão no desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade. A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano”. (MACHADO, 2002, p. 19 - 20)

Inicialmente nos interessava trabalhar os contos de fadas fazendo uma análise de algumas versões originais e suas releituras, tentando compreender a representatividade da infância nas narrativas tanto clássicas como modernas. No entanto, decidimos abordar a questão étnico-racial presente em algumas releituras, fazendo uma investigação desses contos contemporâneos que trazem personagens negras como protagonistas.

Desse modo, esta pesquisa busca investigar os contos de fadas modernos, em particular as narrativas que apresentam personagens

negras como protagonistas e a importância das releituras contemporâneas para uma educação antirracista. Para isso, selecionamos dois livros da “Coleção Pra Lá e Pra Cá” publicados pela Editora Mazza (Belo Horizonte), são eles: *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015), adaptados por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, e ilustrados por Walter Lara. Um dos fatores importantes dessas releituras é que, ao trazer as personagens negras como protagonistas em narrativas tradicionalmente com personagens brancas, resignifica e amplia o olhar das crianças leitoras para outras possibilidades de construções ficcionais que não só a europeia. Por outro lado, acrescesse a inserção da identificação das crianças negras com as personagens e suas ações. Muitas vezes, as crianças leem as histórias e procuram se identificar com as personagens, no entanto, como os contos com maior circulação editorial são aqueles oriundos de uma cultura europeia, acabam não encontrando nenhuma característica que provoque a identificação.

A partir da análise dos dois títulos selecionados discutiremos a importância das releituras contemporâneas dos contos clássicos para uma educação antirracista, a fim de formar cidadãos críticos, capazes de respeitar as diferenças e conviver com elas na sociedade.

Durante séculos inúmeras obras literárias vêm se acumulando, como valiosa fonte de conhecimento e não desfrutar desse tesouro seria um “trágico desperdício” (MACHADO, 2002, p. 12). Como afirma Ana Maria Machado (2002):

[...] se trata de um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence e deixar que os outros se apoderem de tudo sem dividir conosco.

Os contos de fadas clássicos fazem parte da vida da maioria das crianças desde muito cedo. Narrativas de acontecimentos que se passam, muitas vezes, no mundo “maravilhoso” (COELHO, 2008), os contos apresentam um lugar cheio de possibilidades, uma terra mágica. Temos a oportunidade de conhecer sobre a vida, lições e aventuras das personagens por meio dos escritos dos pioneiros dos contos de fadas, como Charles Perrault, Jacob e William Grimm e Hans Christian Andersen.

Fundamentados a partir de uma cultura europeia, os contos clássicos nem sempre proporcionam uma identificação entre as crianças e as narrativas. As personagens vivem em épocas diferentes, em culturas diversas, o que nem sempre está a par da realidade de quem lê. Pensando na importância da construção da identidade, tanto social como individual, cremos na importância de se apresentar outras construções dessas narrativas há tanto conhecidas e lidas por nós.

A pesquisa em questão se consolida como qualitativa a partir do estudo de livros literários, em particular os contos de fadas modernos. Para análise nos apoiamos nos referenciais teóricos de Ana Maria Machado (2002), Eliane Debus (2006; 2015; 2017), Nelly Novaes Coelho (2000; 2008), Luiza Vale (2001), autores das versões europeias dos contos de fadas, Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, e ainda dos contos de fadas modernos, em particular no trabalho de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho.

A pesquisa se estrutura, além da introdução, com um breve histórico sobre vida e obras dos autores Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, apresentamos suas contribuições para o que hoje conhecemos como Literatura Infantil e sua importância para os contos de fadas tradicionais. Após explicamos brevemente sobre o os contos de fadas modernos bem como suas contribuições para a sociedade atual. Na terceira parte deste trabalho discute-se sobre o protagonismo negro nos contos modernos bem como sobre a Lei n o 10.639, de 2003, a fim de compreender, de forma geral, como ela está constituída e qual sua relevância para a educação. Posteriormente apresentamos uma análise dos contos modernos, *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015), discutidos a partir dos elementos elencados por Nelly Novaes Coelho (2000, 2008).

2. OS CONTOS DE FADA ONTEM E HOJE

As histórias, sejam aquelas narradas pela tradição oral, sejam aquelas guardadas dentro dos livros, são tesouros acumulados pelos séculos afora, se apresentam como uma valiosa herança para inúmeras gerações de leitores. Após a invenção de Gutemberg, a escrita impressa se propagou e oportunizou o registro em quantidade do mesmo texto, mas sua acessibilidade nem sempre foi dada a todos e no decorrer da história da humanidade os livros sempre foram considerados elementos de grande valor e poder. Por muito tempo, sua disposição era para uma minoria da sociedade, normalmente para aqueles que detinham maior poder e influência. (MACHADO, 2002, p.18)

Nesse contexto, a leitura era para poucos, pois representava grande ameaça aqueles que tinham o controle dos livros. Hoje em dia, os livros encontram-se à disposição de todos, porém, por conta das várias demandas que o mundo moderno nos impõe, às vezes, torna-se “impossível” parar um minuto e fazer uma leitura. A corrida pelas demandas cotidianas de sobrevivência e pelo consumo incessante aumenta cada dia mais, assim, o tempo para ler é desvalorizado e considerado improdutivo. Como afirma Machado (2002):

[...] em vez de nos dar tempo para ler, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida, por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados.

Ler, e ler literatura em particular, se tornou uma forma de resistência, de acordo com Ana Maria Machado, uma resistência contra as demandas do mundo, contra a corrida incessante pelo consumismo, ler é nosso direito, “esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca” (MACHADO, 2002, p. 19).

Além do prazer, a leitura dos clássicos é capaz de nos proporcionar o “contentamento” (MACHADO, 2002) ao nos depararmos com personagens em que podemos nos identificar, com características que nos reconhecemos integralmente. É como se a leitura, muitas vezes, fizesse um papel de “espelho”, nos enxergamos na

narrativa, podemos encontrar nas histórias características que se assemelham às nossas. Essa aproximação entre a literatura e nós mesmos nos ajuda a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Embora contribua para a representação, como todo texto literário, essas narrativas, como já questionado, trouxeram por séculos uma única representação humana: a branca. Parece-nos que, muitas vezes, as análises recaem sobre um único viés de representação. Aqui vale destacar a importância das releituras nesse papel de identificação de si mesmo, pois permitem a inserção daqueles e daquelas que de alguma forma foram excluídos/excluídas, como ressalta Ivone Torres de Moraes,

[...] ao longo do tempo, houve a necessidade de se produzir narrativas que retratassem os problemas da época sob uma ótica mais realista. Os duendes e fadas deram espaço a personagens reais, que são os protagonistas da sua própria história. (MORAIS, 2014, p.10)

Não podemos deixar de levar em conta de que, outro fator importante a ser considerado na leitura dos clássicos, essas histórias proporcionam à criança momentos de brincadeira. Como assinala Machado (2002), quando a criança brinca, ela faz-de-conta, ela fantasia, finge, ela cria uma história, uma ficção, ela sonha, ela encontra a paz consigo mesma.

A decifração é outro aspecto que devemos considerar na leitura das narrativas clássicas, é a exploração do novo com todos os seus obstáculos, incógnitas, com toda a sua intensidade. Emergir nesse mundo “maravilhoso” (COELHO, 2008), se deixar levar e fascinar pelas histórias, se permitir ser conquistado pelas narrativas, é uma “delícia irresistível” (MACHADO, 2002, p. 21).

Nelly Novaes Coelho aponta que, a Literatura Infantil é um “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.” (COELHO, 2008, p. 27). Ela é capaz de unir os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real. A literatura é uma linguagem que expressa uma determinada experiência humana. Cada época foi responsável por criar e compreender a literatura a seu próprio modo, de acordo com a sua singularidade em determinado momento dessa longa caminhada evolutiva da humanidade. Conhecer as histórias de épocas diferentes é compreender os ideais e valores ou ainda desvalores em que cada sociedade se fundamentou.

Neste capítulo apresentamos os contos de fadas tradicionais, seus principais autores e as suas várias possibilidades de releituras na contemporaneidade.

2.1. OS CONTOS DE FADA TRADICIONAIS: UM ONTEM SEMPRE

Há muito tempo os contos de fadas fazem parte da vida das pessoas, vão passando de geração em geração sem perder seu encanto e sua magia. Cada vez mais os contos vão sendo redescobertos fascinando tanto adultos quanto crianças. Mas, diante desse vasto mundo da fantasia surgem vários questionamentos: de onde vêm essas histórias? Quem criou tais narrativas que há muito são conhecidas e contadas? Enfim, são diversas as perguntas a respeito da origem dos *Contos de Fada*.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2008), os contos são gêneros literários narrativos de origem longínqua, numa época em que se ouvia, ao redor de uma fogueira, histórias sobre caçadas, viagens, acontecimentos, enfim, várias narrativas contadas de boca a boca. Corso e Corso (2006) também traz a ideia de que tal gênero surgiu com o intuito de ajudar os camponeses de pequenas aldeias a enfrentar rigorosas noites de inverno. Em volta de uma fogueira, contavam histórias sobre os perigos do mundo, sobre a vida e a morte. Ana Maria Machado ressalta que os contos

[...] sobreviveram e se espalharam por toda a parte graças à memória e à habilidade narrativa de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo histórias. (MACHADO, 2002, p. 69)

Coelho (2008) afirma que algumas histórias e lendas de épocas distantes que eram consideradas inventadas foram provadas como verdadeiras por meio de estudos arqueológicos. Juntamente com a Arqueologia, a exploração da memória popular difunde narrativas populares e folclóricas por toda a Europa e nas Américas. Essas narrativas também estavam presentes na Ásia e na África. Uma

quantidade inimaginável de histórias foram e são armazenadas na memória dos povos até serem impressas pela escrita. Com o surgimento da escrita, surgem as recolhas, tais como: as de Charles Perrault, na França do século XVII, com os contos que mais tarde foram denominados de contos de fadas e se tornaram bastante conhecidos. Além dos contos de Perrault, muitas outras recolhas de contos foram realizadas: Heli Chatelain, 1894, realizou recolha de contos angolanos; fez recolha de contos moçambicanos; Câmara Cascudo, 1946.

Tal disseminação das histórias tinha como objetivo descobrir as raízes nacionais de cada povo, bem como preservar sua cultura. Assim, surgiram diversos “contos maravilhosos” (COELHO, 2008, p. 35), fábulas, lendas e, mesmo tendo origem em povos muito distantes e diferentes entre si, é possível encontrar várias narrativas em comum, como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *A Gata Borralheira*, entre muitas outras. Ainda, de acordo com Coelho (2008), há aqueles que acreditam que os contos se originaram, primeiramente na forma de poema, com o povo Celta, dando origem a elementos místicos, como por exemplos, as fadas, as primeiras mulheres sobrenaturais.

Tais histórias vindas de diversas fontes, contadas por viajantes, peregrinos, invasores, vindos das mais variadas regiões misturaram-se umas às outras e deram origem as narrativas “nacionais” que hoje são conhecidas como Literatura Infantil Clássica. (COELHO, 2008, p. 36 - 37)

As histórias eram contadas de pessoa para pessoa e circulavam de boca em boca, isso é, eram transmitidas oralmente, sendo assim, alguns dos elementos de composição acabavam sendo alterados. Para Coelho (2008) essa expansão das histórias é realmente espantosa, pois falamos de uma época remota em que a comunicação se dava de forma direta entre uma pessoa e outra, e esses povos que receberam as narrativas viviam geograficamente muito distantes entre si, as viagens eram feitas a pé, a cavalo ou ainda em barcos. Assim, na disseminação dos contos de fadas se observa a “força da palavra como fator de integração entre os homens.” (MACHADO, 2008, p. 37).

Hoje em dia os contos de fadas são principalmente destinados às crianças, mas nem sempre foi assim. Os contos resgatados da tradição oral camponesa da Europa, segundo Corso e Corso (2006), não apresentavam nenhuma simbologia repleta de significações como conhecemos atualmente, tais contos não eram específicos às crianças. Originalmente as produções literárias eram destinadas ao público adulto. Quando os contos foram criados não havia a concepção de infância e

criança como conhecemos contemporaneamente, elas não desfrutavam de um espaço próprio, como ressalta Vieira (2016, p. 14): [...] “as crianças não possuíam espaço, assim como também não eram consideradas produtoras de cultura, desse modo, todas as produções literárias eram voltadas apenas para os adultos”.

No decorrer do século XVI aconteceram algumas mudanças, o espaço de socialização da infância foi ganhando lugar, e as crianças começaram a ser vistas de acordo com o que lhe era próprio e não mais como adultos em menores proporções. Assim, tornar as narrativas tradicionais em histórias infantis, os famosos *Contos de Fadas*, está diretamente relacionado à criação de um novo mundo para a criança, que dá lugar às suas especificidades. Partindo desse pressuposto ressalta Kehl *apud* Corso (2006):

Os ideais iluministas e os novos códigos civis trazidos pelas revoluções burguesas passaram a reconhecer as crianças como sujeitos, com direito tanto a proteções legais específicas quanto ao reconhecimento de uma subjetividade diferenciada da dos adultos.

As narrativas da Literatura Infantil Clássica, em particular os *Contos de Fadas* que mostram histórias de príncipes e princesas, bruxas, fadas, gigantes, enfim, personagens há muito conhecidos por nós, tiveram início nas histórias de Charles Perrault, dos Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e ainda pelos contos de Hans Christian Andersen.

De acordo com Coelho (2008), durante o reinado de Luís XIV, o rei sol, na França do século XVII, foi publicada a primeira coletânea de contos infantis intitulada *Contos da Mãe Gansa* (1697). Nessa época a França vivia um momento de progresso e de transformações político-culturais. Charles Perrault, responsável pela publicação, foi um dos primeiros escritores a publicar uma coletânea a partir de narrativas orais populares. Mais tarde atribuiu a autoria da coletânea ao seu filho Pierre Perrault. Por um período o poeta e advogado de prestígio da corte francesa coletou diversas memórias do povo, por meio das histórias que ouvia de camponeses e de pessoas com quem convivia. Por intermédio das narrativas que ouviu fez um resgate da cultura francesa.

Perrault reuniu as memórias do povo em oito histórias. Os primeiros contos que compunham a coletânea *Contos da Mãe Gansa* eram: *A Bela Adormecida no Bosque*; *Chapeuzinho Vermelho*; *O Barba Azul*; *O Gato de Botas*; *As Fadas*; *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*;

Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Em uma segunda publicação Charles Perrault acrescenta mais dois contos, *Pele de Asno e Grisélides e Desejos Ridículos*. (MACHADO, 2008, p. 27)

Todos esses contos, hoje em dia, são especificamente para crianças, no entanto, inicialmente, Perrault não pensava em escrever para elas, provavelmente por não ter clara a concepção de infância. O conto *Pele de Asno* é o primeiro a começar a manifestar a intenção de apresentar o maravilhoso popular, conforme nos traz Vieira (2016, p. 15):

A preocupação inicial com os escritos de Perrault residia na recriação da literatura folclórica. Esses contos, na realidade, fugiam um pouco do que estava acostumado a escrever, como descreve Coelho (1987, p. 67): “Note-se, quanto a essa possível intencionalidade, que Perrault não iniciou seu trabalho de redescoberta do maravilhoso popular preocupado com as crianças”.

Cem anos mais tarde, na Alemanha do século XVIII a Literatura Infantil foi definitivamente constituída e expandida pela Europa e pelas Américas. Perrault deu início a Literatura Infantil, mas foram os irmãos Grimm que a consolidaram por meio de suas pesquisas linguísticas. Os irmãos eram grandes estudiosos da mitologia germânica, eram também filólogos e folcloristas. Na busca por determinar a autêntica língua alemã e fazer um resgate dessa cultura, Jacob e Wilhelm Grimm se empenharam em pesquisar as variantes linguísticas nas antigas narrativas, lendas e sagas que perduravam de geração em geração pela tradição oral. (COELHO, 2008, p. 29)

Diante de um vasto número de textos que eram utilizados nos estudos linguísticos, os irmãos Grimm encontraram “um fantástico acervo de narrativas maravilhosas” (COELHO, 2008, p.29). As narrativas, juntamente com as memórias do povo formaram a coletânea hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil, cujas histórias mais conhecidas são: *A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As Três Fiandeiras; O Príncipe Sapo*, entre muitos outros. Inicialmente esses contos foram publicados de forma avulsa, mais tarde foram reunidos no volume

Contos de Fadas para Crianças e Adultos, conhecidos hoje como *Contos de Grimm*. (COELHO, 2008, p. 29).

Décadas mais tarde, no mesmo século XIX, o dinamarquês Hans Christian Andersen completou o acervo da Literatura Infantil Clássica com seus 168 contos publicados. Embora o trio Perrault, Grimm e Andersen sejam os grandes responsáveis pela antologia e difusão dos contos populares, Andersen apresenta uma grande diferença entre seus antecessores. A luz de Machado (2002), Andersen além de fazer um resgate das narrativas que corriam pela boca do povo, criou várias histórias novas, nos moldes dos contos tradicionais, porém com sua marca, uma visão poética munida de uma profunda melancolia.

Além dos contos compilados, seus livros traziam novas histórias como: *O Patinho Feio*; *A Roupas Nova do Imperador*; *Polegarzinha*; *A Pequena Sereia*; *O Soldadinho de Chumbo*; e muitas outras. As obras de Andersen serviram de inspiração para outros autores. A partir de então, pela primeira vez, algumas obras começaram a ser escritas especificamente para a leitura infantil, sem intenção didática. (MACHADO, 2002, p. 72 - 73)

Início do romantismo, os ideais de fraternidade, exaltação da sensibilidade, fé cristã, valores populares, eram o que proporcionavam sintonia aos escritos de Andersen, este se tornou

[...] a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. A par do maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, na qual imperam a injustiça social e o egoísmo. (COELHO, 2008, p.30)

De forma geral, os *Contos de Andersen* são tristes e seus finais trágicos. Suas histórias trazem personagens frágeis e com dificuldades financeiras, com isso, o autor procurava mostrar o espírito individualista de sua época e desejava mostrar que as pessoas não eram todas iguais. Além disso, Andersen depositava sua própria experiência em suas narrativas, sua vivência de cada dia, ele criava suas histórias.

2.2. OS CONTOS DE FADA MODERNOS: SEMPRE ONTEM

O mundo é um lugar de constantes mudanças, transformam-se as relações humanas, as concepções de mundo, os espaços geográficos, tudo está a todo o momento em transformação. Nesse contexto estão os *Contos de Fada*, outrora contados ao redor de fogueiras, recontados em ambientes familiares divertindo tanto as crianças como os adultos e educando também, passam por adaptações para serem reproduzidos nos cinemas, teatros, musicais, desenhos animados, servem de inspiração à construção de parques temáticos, como o famoso parque da Disney, enfim “são fontes inesgotáveis de inspiração para a humanidade” (DEBUS; DOMINGUES, 2015, p. 59). As gerações passam e os contos permanecem, acompanham as demandas tecnológicas, se renovam sempre mais, perpetuando suas personagens que encantam desde muito tempo.

Debus e Domingues (2015) nos lembram de que as releituras dos contos tradicionais, cada versão renovada, traduzida, adaptada, alteram os fatos históricos e, desde suas mais remotas origens, passaram por um vasto número de modificações até se tornarem o que hoje conhecemos como “*Clássicos Infantis*”. Darnton (DARNTON *apud* DEBUS; DOMINGUES, 2015) defende que os contos tradicionais são documentos históricos de origem distante que passaram por muitas transformações e por diferentes culturas. Entretanto, as histórias em sua forma original ainda se fazem presentes nos dias atuais, principalmente no que diz respeito ao seu grande objetivo que é demonstrar um padrão de conduta ético e moral aos Homens. Porém, na contemporaneidade algumas obras tendem a romper com esse padrão de conduta pré-estabelecido, demonstrando, como aponta Nelly Novaes Coelho, uma ação consciente “em face da relatividade dos valores atuais e em relação ao direito do outro” (COELHO, 2008, p. 25).

De acordo com Luiza Vale (2001), na década de 1970, é possível constatar a circulação de obras reveladoras da recomposição dos contos de fadas tradicionais. Essas narrativas, conhecidas como *Contos de Fada Modernos*, são assim consideradas, pois “[...] embora mantenham o maravilhoso, conduzem o leitor a uma percepção de si mesmo e da sociedade que o circunda diferente da apresentada nos contos tradicionais” (VALE, 2001, p. 48). Ou seja, os contos modernos têm por objetivo continuar trazendo os elementos do mundo feérico e,

ao mesmo tempo, discutir os problemas no mundo atual, os empasses da sociedade contemporânea.

Morais (2014) ressalta que as novas temáticas presentes nos contos modernos vão além de questões afetivas, existenciais e econômicas conforme apresentadas nas histórias dos contos clássicos. Os contos contemporâneos apontam para problemas sociais como todo tipo de preconceito, relações familiares e amorosas, drogas, entre outras questões que envolvem a sociedade num todo.

Tradicionalmente as histórias se concentravam no indivíduo, em seus problemas, dificuldades e lutas. Tais sujeitos eram modelos a serem seguidos, suas qualidades e virtudes eram os ideais a serem imitados. Na contemporaneidade, se tem a consciência de que o indivíduo faz parte de uma sociedade, de um todo, agora se visa o bem de todos e não mais de um indivíduo em particular, é necessário pensar no bem comum e ainda questionar e repensar o que é apresentado. (COELHO, 2008, p. 19,20 e 24).

Tendo em vista o confronto existente entre o tradicional e o novo, bem como sua compreensão diante de uma sociedade em mudança, Nelly Novaes Coelho (2008) elenca 10 principais tópicos que apresentamos sinteticamente a seguir e que ajudam na comparação entre os contos tradicionais e os contos modernos respectivamente.

1. **Espírito individualista:** tudo que se conhece na sociedade tradicional parte do indivíduo, este é um modelo de conduta a ser seguido, é um exemplo para os demais, sua verdade é absoluta. Na literatura vemos essa valorização do indivíduo nas características do herói que são modelos de qualidade e de virtude. **Espírito solidário:** agora se tem a consciência de que o indivíduo faz parte de um todo (a humanidade, a sociedade...) pelo qual é profundamente responsável. Na literatura a tendência é substituir o herói, detentor de toda a verdade, por um grupo de pessoas normais, ou ainda por personagens questionadoras das verdades.
2. **Obediência absoluta à autoridade:** a autoridade, aquela que detém todo o poder, determina os padrões, valores, ideais, a serem seguidos. Na literatura observamos a rigidez de limites entre o certo e o errado, entre o bom e o mal. **Questionamento da autoridade:** no novo se tem a consciência de que os valores e ideais podem ser relativos, múltiplos, e ainda exige-se

liberdade pessoal para o conhecer e interpretar as novas realidades. A tendência é conciliar as diferenças, os contrastes entre as pessoas, as coisas, os fenômenos, etc.

3. **Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser:** as minorias privilegiadas pela fortuna são valorizadas. No que se refere à família, o homem é o ser de autoridade suprema, e a mulher é responsável pelo comportamento dos filhos, pelo ideal de família. **Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser:** no aspecto econômico, o ideal é desaparecer com as injustiças e diferenças sociais. No que se refere à família, a tendência é que o homem e a mulher tenham os mesmos direitos e deveres.
4. **Moral dogmática:** se baseia no dualismo religioso (bem e mal). Quem pratica o bem recebe “recompensa” e quem pratica o mal é “castigado”. Há uma rigidez entre a conduta certa e a conduta errada. **Moral da responsabilidade ética:** requer uma ação consciente frente a relatividade dos valores atuais em relação ao direito do outro.
5. **Sociedade sexófoba:** baseada na ética religiosa tem o sexo como pecado. **Sociedade sexófila:** o sexo é assumido como um ato natural, assim como comer, dormir, etc. Na prática tem a tendência de ir para o caminho da libertinagem.
6. **Reverência pelo passado:** o passado é um modelo a ser seguido. **Redescoberta e reinvenção do passado:** consciência do passado como origem. Na literatura, a intertextualidade surge como um processo criador, e a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos.
7. **Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana:** as boas ações, o culto às virtudes, são decisivos para entrar no paraíso após a morte, esta concebida como fim da matéria e liberação do espírito para o céu ou para o inferno. **Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial mutante da condição humana:** a vida é uma evolução contínua. Ideal de aperfeiçoamento interior profundo, que ultrapassa os limites da vida.
8. **Racionalismo:** tudo é explicado pela razão, ora baseada na fé, ora baseada na ciência. **Intuicionismo fenomenológico:** valorização da intuição para o conhecimento da verdadeira

realidade dos homens e do mundo. O poder mental é a grande força ainda a ser descoberta pelo ser humano.

9. **Racismo:** uma situação social concreta, na literatura a separação entre negros e brancos é notória. **Antirracismo:** na busca de preservar e descobrir as diferentes culturas há uma valorização e respeito por elas.
10. **A criança como “adulto em miniatura”:** as crianças são levadas a tomar atitudes consideradas adultas. **A criança como ser em formação:** o potencial da criança é desenvolvido com liberdade, porém orientado com o propósito de alcançar a plenitude.

Esses elementos apresentados por Coelho (2008) são fundamentalmente importantes para se compreender como se constituem os contos de fadas tradicionais e os contos de fadas modernos e quais as principais diferenças entre eles. Criados em épocas muito distantes, os contos de fadas conservam a visão de mundo, os valores éticos e morais da época em que surgiram. As releituras e readaptações feitas ao longo dos séculos tendem a conservar esses valores básicos. Aqui vale destacar que, ao fazer uma análise dos contos tradicionais e novos não há uma hierarquia de importância entre eles, sendo um mais essencial do que o outro, mas sim existem diferenças à respeito de conceitos apresentados nas narrativas e também valores relativos à cada época.

Coelho (2000) nos traz três visões de mundo que permeavam as produções narrativas nos primórdios da história. No mundo real, cotidiano imperava a força bruta, o direito do mais forte, os vícios e as virtudes eram representados nas histórias por meio do simbolismo animal. O mundo das metamorfoses traz aquela realidade mágica, resultado da integração entre o mundo real e o espiritual. Esse mundo é que dá vida aos contos de fadas, que apresenta seres maravilhosos como as bruxas, fadas, anões; seres superiores assim como, reis e rainhas; e seres inferiores como, servos, curandeiros, lacaios, guardas, gente comum, do povo. São personagens simbólicos que representam valores e estruturas sociais arcaicas. E o terceiro é o mundo religioso cristão, aqui a vida na terra é considerada uma passagem a qual levará para o céu ou para o inferno, em que a virtude é exaltada e o vício ou pecado é condenado.

No contexto do mundo religioso Andersen é o autor de maior destaque, pois, de acordo com Coelho (2000), seus contos são exemplos daquela orientação ético-religiosa. Suas histórias, geralmente, se passam

no cotidiano do mundo real, com personagens humanas lutando pela sobrevivência contra as adversidades da vida. Em geral, as personagens acabam sendo vencidas pelas desgraças terrenas, mas alcançam o céu, que é seu maior objetivo. Outros de seus contos são apólogos, seres inanimados como personagens com problemas iguais aos dos humanos. Os contos de Andersen tendem a fundir o maravilhoso pagão com o espiritualismo cristão.

Muitos contos traziam em suas narrativas os ideais cristãos fundidos na sociedade de sua época. Humildade, generosidade, resignação, caridade, eram alguns aspectos descritos em suas obras. Os ideais burgueses, como a valorização do dinheiro, também eram muito frequentes nas histórias tradicionais, principalmente dos contos de Andersen e dos irmãos Grimm, eles representavam a mentalidade das práticas burguesas/românticas consolidadas na época.

Para uma melhor compreensão no que se refere à estrutura dos contos tradicionais e dos contos modernos nos baseamos nas características estilísticas e estruturais da narrativa primordial novelesca, e nas características estilísticas e estruturais da literatura contemporânea, respectivamente, elencadas por Nelly Novaes Coelho (2000). Além dos valores culturais apresentados anteriormente transmitidos por essas narrativas, vale destacar tais peculiaridades formais dessas histórias, que tem ampla aceitação entre as crianças de diversas épocas e nações.

1. **A efabulação novelesca:** é iniciada com o motivo central da história: os acontecimentos seguem um ritmo narrativo acelerado e objetivo, sem desviar do foco central da história. Vale destacar que, quando o racionalismo começa sua ascensão, há uma tendência para a diluição da objetividade que caracteriza as histórias anteriores. **A efabulação contemporânea:** é enriquecida com circunstâncias mais reais e menos mágicas à medida que a civilização vai mudando sua concepção de mundo, este mais racional. Tende a iniciar com o motivo principal ou com as circunstâncias que seguem diretamente à situação problemática. O autor, além de se preocupar com a história a ser narrada, se preocupa com o modo em que está vai ser apresentada.
2. **As narrativas novelescas:** se desenvolvem em torno de três situações básicas: situações de trabalho, cujo objetivo é assegurar a sobrevivência das personagens para superar a miséria; situações de casamento, por meio de obstáculos que

precisam ser vencidos para que o “herói” case com a “princesa”; e situações de exploração do homem pelo poder; exploração dos fracos pelos fortes. O mistério e o enigma estão muito presentes nos contos, mostram a perplexidade do homem frente às causas desconhecidas que guiam a vida. Os objetos mágicos também aparecem nessas narrativas, servem como auxílio às personagens. A violência ou a ameaça também são constantes, provocam o heroísmo ou incentivam as virtudes dos heróis ou das heroínas. **As narrativas contemporâneas:** esses motivos e situações ainda estão presentes nas narrativas contemporâneas, porém alguns aspectos vão mudando como a representação simbólica das narrativas e a reação das personagens conforme a evolução do tempo. A sequência narrativa nem sempre é linear: por vezes as narrativas são intercaladas entre as experiências do passado e as do presente narrativo. O desenrolar da história procura propor problemas e situações com soluções variadas, e não oferecer uma solução pronta e absoluta.

3. **O tempo novelesco:** é indeterminado, a-histórico, o tempo é expresso, geralmente, pelo pretérito imperfeito, aquele tempo que registra a ação suspensa, sem uma conclusão: “era uma vez”, “naquele tempo”, “certo dia”, etc. Essa noção de tempo é resultante de uma consciência mítica que era característica da humanidade. Em um mundo em que o pensamento mágico dava razão as coisas não havia lugar para a evolução temporal, para o pensamento histórico como se tem hoje. **O tempo contemporâneo:** é variável, pode ser histórico indicando com clareza a época em que se passa a história, como pode ser indeterminado ou mítico, situando os acontecimentos fora do nosso tempo.
4. **O ato de contar novelesco:** é referido na própria história e corresponde a uma voz familiar, “era uma vez”, “conta-se que...”, etc. Esse recurso de narração das histórias é muito antigo, e, normalmente, era usado para prender a atenção de quem ouvia, lembrando que essas histórias nasceram da tradição oral. **O ato de contar contemporâneo:** se faz cada vez mais consciente e presente no corpo da narrativa: a contemporaneidade expressa profundo valor à linguagem como um fator essencial na formação da criança e dos jovens, assim estas literaturas tem supervalorizado o ato de narrar, que é entendido como uma ação criadora por meio da palavra. Esse

aspecto novo da literatura infantil/juvenil tem por objetivo levar os leitores a descobrirem a invenção literária como um processo de construção verbal que depende somente da decisão do escritor.

5. **O conto é a forma literária básica novelesca:** é possível deduzir que, pelo predomínio dessa forma, o intuito dos narradores era o de transmitir os elementos da vida ou situações que servissem como exemplo para a vida de todos os homens. **O conto é a forma narrativa dominante contemporânea:** as literaturas infanto-juvenil e juvenil multiplicam as formas de romance, policiais, sentimentais, e as formas de novela, com aventuras de todos os tipos.
6. **Técnica de narrativa novelesca:** é a repetição exaustiva dos mesmos esquemas básicos, argumentos, tipos de personagens, motivos de conflitos, funções, etc. Esse princípio de repetição vai ao encontro de uma exigência psicológica de seus leitores, que é a apreciação de situações conhecidas, o prazer de saber por antecipação o que irá acontecer. **Técnica narrativa contemporânea:** a repetição exaustiva também continua nos contos contemporâneos, porém o humor e a sátira são uns aspectos característicos das produções literárias novas.
7. **Recurso narrativo novelesco:** a narrativa se faz pelo processo de representação simbólica, ou metafórica, o uso de imagens, metáforas, símbolos, que representam o real a fim de comunicar o que é pretendido pelo narrador. Tal representação simbólica é o recurso estilístico mais rico, pois transfigura a essência do real, e a representação realista, limita-se a fixar o específico do real a ser transfigurado. **Recurso narrativo contemporâneo:** multiplicam-se os recursos de apelo à visualidade, desenhos, ilustrações, diagramas, cores, técnicas de colagem e montagem, uso de novos materiais para impressão do livro, etc. A literatura torna-se o espaço de convergências das multilinguagens.
8. **As personagens novelescas:** são basicamente “tipos” que desempenham funções no grupo social: o rei, o mago, o filósofo, o sábio, a gralha, o pavão, etc.; ou apontam características de comportamento ético ou de padrões espirituais: o intrigante, o mentiroso, o generoso, o raivoso, etc. Há uma convivência natural entre a realidade e o imaginário (fantástico, mágico, maravilhoso). Essa presença do fantástico e do real está nos animais e nos seres inanimados que falam e tem comportamentos humanos. **As personagens contemporâneas:**

as personagens-tipo reaparecem nessas narrativas, são os reis, rainhas, princesas, fadas, profissionais de várias áreas, etc., porém geralmente por uma perspectiva satírica e crítica. As personagens caráter são inclinadas a serem substituídas por individualidades distintas umas das outras. Essa individualidade não é vista como superioridade, assim como nas personagens do Romantismo. Essa personagem é incorporada ao grupo-personagem, cuja tendência é valorizar o grupo, é uma personagem-coletiva. O individualismo dá lugar ao espírito comunitário, ou seja, a personagem-coletiva (o grupo, a “patota”, o “bando”) disputa o espaço com o herói individualista. As soluções para os problemas enfrentados no decorrer da história são resultantes da colaboração todas as personagens.

9. **Realidade e imaginação dos contos novelescos:** há uma convivência natural entre a realidade e o imaginário (fantástico, mágico, maravilhoso). Essa presença do fantástico e do real está nos animais e nos seres inanimados que falam e se comportam como humanos. Tudo nesse mundo arcaico pode ser dotado de poderes mágicos, desaparecem as fronteiras entre o real e o imaginário. **Realidade e imaginação dos contos contemporâneos:** a intensão de realismo e verdade se alterna com a atração pela fantasia, pelo maravilhoso. Ainda existem os poderes mágicos, há uma conotação metafísica. Nesse campo do maravilhoso, a função das fadas, talismãs ou mediadores mágicos, no geral, já não é satisfazer os desejos e proporcionar fortuna aos seus protegidos, mas sim estimulá-los a agir, a desenvolverem sua própria força.
10. **O espaço nas narrativas novelescas:** nem sempre é significativo para o andamento da ação: o cenário, a paisagem, o ambiente, serve apenas como ponto de apoio à existência da personagem e dos acontecimentos. Entretanto, existem casos em que o espaço onde a ação acontece é funcional, ou seja, intervém na sequência dos atos ou cria o ambiente propício para a sequência dramática. **O espaço nas narrativas contemporâneas:** O espaço é variável: aparece como um simples cenário a fim de situar as personagens ou a efabulação, aparece também como participante do dinamismo da ação. A literatura inovadora procura mostrar, compreender ou sugerir as relações que existem ou podem existir nesses espaços, mais do que revelá-los ou revelar os seres que neles existem. Essa

atitude deriva das novas concepções de tempo e espaço decorrentes das mais recentes conquistas científicas, filosóficas, psicológicas, etc.

11. **A exemplaridade como um dos objetivos mais claros das narrativas primordiais:** as narrativas serviam como um excelente instrumento de divulgação de ideias, de formação de mentalidades e de modelos de comportamento social, individual, ético, político, etc. **A exemplaridade desaparece como intenção pedagógica da literatura contemporânea:** esse desaparecimento não impede que na nova literatura exista uma significativa lição de vida. No comportamento ético a complexidade das forças interiores prevalece sobre a dualidade maniqueísta característica das personagens tradicionais. A intenção maior é trazer à tona a ambiguidade natural do homem. Em sua maioria, as obras contemporâneas tendem a apontar para a esperança, para o entusiasmo e para a importância de se participar dinamicamente da vida. Esta literatura nova, mais do que dar exemplos e conselho, sugere problemas a serem resolvidos, busca estimular, tanto nas crianças como nos jovens, a capacidade de compreensão dos fenômenos, a provocar ideias inovadoras ou uma atitude positiva frente às inovações.
12. **O narrador novelesco:** está presente nesses textos o contador de histórias que descende dos narradores primordiais, ou seja, aqueles que não criavam as histórias, mas contavam o que haviam ouvido ou conhecido, era a memória dos tempos a ser preservada e transmitida de geração em geração. **O narrador contemporâneo:** mostra-se cada vez mais familiar e consciente da presença do leitor: a voz que narra a história está atenta ao seu possível leitor, demonstrando o desejo de comunicação e de consciência de que é desse leitor que depende o alcance da mensagem.
13. **O nacionalismo novelesco:** exaltação pelo país e pelos valores da terra. **O nacionalismo contemporâneo:** apresenta um novo sentido, o que agora dinamiza a matéria literária é uma profunda consciência nativista, é a busca das origens, no sentido de percorrer novamente o caminho a fim de que a brasilidade seja revelada em toda a sua verdade e força. Esta ação nativista vai além das fronteiras nacionais, além do continente sul-americano, pode chegar ao solo africano, para

equilibrar as duas bases das culturas primitivas, indígena/africana, que unidas a cultura europeia deram início a uma nova forma de ser no mundo: a brasileira.

À medida que as necessidades da sociedade se modificam os contos também se alteram. As narrativas seguem sempre encantadoras, desde as histórias clássicas as modernas, no entanto, estas últimas estão mais a par das urgências do tempo atual. Nos contos modernos podemos encontrar muitas personagens diferentes, por exemplo, de várias etnias, negras, indígenas, brancas, enfim, personagens que vão além da tradicional personagem branca filha de reis e rainhas, cuja vida deve ser salva por um príncipe encantado. É possível encontrar releituras com personagens reais, da vida real, que nem sempre estão em castelos enormes, às vezes estão em um simples “barraco de madeira”.

Como apresentado por Debus e Domingues (2015), o contemporâneo apresenta inúmeras possibilidades de versões, apresentando um caráter insólito, ou seja, uma narrativa de forma diferente do habitual, de forma incomum, em que a princesa nem sempre precisa ser salva por um príncipe encantado. Há histórias modernas em que a tradicional personagem da princesa aparece de forma inusitada, mal educada, desorganizada, preguiçosa, enfim, características que confrontam a doce e ingênua menina apresentada nos contos tradicionais.

As narrativas modernas cada vez mais vêm ganhando espaço por apresentarem, geralmente, uma história interativa que leva o leitor a querer buscar o conhecimento desse mundo novo, ainda não explorado por muitos. Cardoso e Baccon (2015) afirmam que, contemporaneamente, cada vez mais versões de contos de fadas surgem não somente para crianças, mas para um público bastante amplo. Muitos filmes, séries de televisão, romances, têm conquistado o público com suas situações inusitadas que se assemelham com os interesses de crianças, jovens e adultos. Nessas histórias também encontramos elementos do mundo feérico, porém essas fadas e princesas se deparam com desafios recheados de contemporaneidade, com problemas sociais, raciais, econômicos, enfim, problemas reais com os quais lidamos diariamente.

Essas versões modernas dos contos de fadas são extremamente importantes para a criança contemporânea. Nas histórias, é importante representar a realidade desse leitor, o meio em que ele vive, a fim de que

possa se identificar com as obras lidas, com as personagens e situações apresentadas. Luft (LUFT *apud* CARDOSO; BACCON, 2015) aponta para a necessidade de trazer problemas juvenis nos contos modernos, bem como abordar conflitos familiares, amorosos, questões polêmicas atuais, morte, doença, dor, solidão, entre outras a fim de auxiliar o leitor a refletir sobre sua própria existência.

Contemporaneamente, as narrativas apresentam histórias em que a rainha nem sempre é má, ou mostram os motivos que levaram-na a cometer atos maldosos, quais suas angústias e inseguranças, às vezes o reino não é todo perfeito, a princesa não é tão doce e ingênua, ela pode ser possuidora de coragem, força, inteligência, é independente, enfim, são inúmeras as possibilidades de releituras. Essas mudanças trazem novos conceitos, trazem a possibilidade de tematizar sobre preconceitos, desigualdades, problemas reais que nos levam a questionar as exigências da sociedade atual. Assim, os contos modernos têm o poder de proporcionar ao leitor uma reflexão crítica acerca da sociedade em que vive e de agir ativamente sobre ela.

3. O PROTAGONISMO NEGRO NOS CONTOS DE FADAS MODERNOS

As personagens no mundo feérico além de nos apresentarem esse mundo maravilhoso assumem também a função de divertir o leitor, de auxiliar a criança na identificação de si mesma, de contribuir para o desenvolvimento de sua personalidade, da sua identidade, de informar sobre o mundo bem como sobre as relações de poder e os comportamentos que são valorizados pela cultura. (BETTELHEIM *apud* BELARMINO et al. 2010, p. 2).

Lembramos que a literatura é um conjunto de textos que foram construídos pela humanidade sem uma função prática, ou seja, foram escritos para o entretenimento, para o prazer da leitura. No entanto, de acordo com os estudos psicanalíticos, a literatura não deve ser entendida como um passatempo apenas, pois ela desempenha funções no que tange a vida singular do sujeito, auxilia na formação da personalidade da criança, bem como no seu convívio social, na sua perspectiva de mundo e de si mesma. Esse mundo fantasioso dos contos, que existe apenas na imaginação, leva o leitor para um lugar mágico, cujo tempo e espaço são diferentes dos seus. Assim, ao viver essa aventura, o sujeito é capaz de reconfigurar o seu próprio modo de viver. (DEBUS, 2017, p. 27 e 29)

Os contos de fadas tradicionais trazem, em sua maioria, personagens brancas oriundas da cultura europeia. Mas, o que fazer diante de uma sociedade com grande porcentagem de negros como o Brasil? Como fazer com que crianças negras encontrem a tão sonhada princesa cuja pele é semelhante a sua e o cabelo é igual ao seu? Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, são todas personagens clássicas, brancas, conhecidas há mais de um século, acabam por conferir na menina padrões de comportamento e de beleza já estabelecidos.

Nesse contexto em que a literatura é um fator essencial na construção da identidade individual, cultural e étnica, destacamos a importância das releituras dos contos tradicionais. Como declara Valdinei José Arboleya (2013), “a literatura infantil apresenta-se como uma perspectiva instigante junto à necessidade de reformulação dos padrões ideológicos”, vemos aqui a importância dos contos de fadas modernos no combate aos padrões tradicionais, principalmente no que tange ao combate ao racismo. De acordo com Jorge e Silva (2015), “[...] os contos foram paulatinamente sendo modificados para adaptarem-se ao modelo de sociedade de cada período histórico, por conseguinte

naturalizando a função de cada indivíduo na sociedade de acordo com a sua raça e gênero”.

Regina Dalcastagnè (2011), em seu estudo pautado em 388 romances, afirma que a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, considerando-se as personagens ‘importantes’, isto é, com algum peso no desenrolar da trama.

Com a ascensão do Movimento Negro, aparecem narrativas contemporâneas com personagens negras, vivendo em lugares demarcados por essa cultura. Como ressalta Debus (2017, p. 24) “[...] a literatura pode problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância, seja no espaço escolar, seja em outros espaços socioeducativos”.

A partir dos argumentos de Debus (2017) constatamos de que é possível ter uma visão ampliada de mundo quando nos deparamos com histórias cujas personagens vivem em diferentes contextos históricos e sociais. Assim, nessa função de alargamento da visão de mundo a temática da cultura afro-brasileira desempenha um papel imprescindível. No entanto, esta não é uma tarefa fácil, pois nem sempre as artes vindas da cultura afro-brasileira tem o merecido reconhecimento.

Como ressaltado por Lobato e Santos (2012), há algum tempo, nas publicações nacionais, não era comum encontrarmos personagens negras desempenhando o papel de protagonistas nas histórias infantis, e não era habitual serem representadas de forma positiva, ou seja, a narrativa não valorizava sua história, sua memória, sua cultura, sua beleza, enfim, as personagens apareciam, na maioria das vezes, desempenhando um papel secundário. Sobre a presença de personagens negras nas narrativas brasileiras ou ainda sobre o aparecimento de elementos que remetem à cultura africana e afro-brasileira nas histórias, Eliane Debus destaca:

[...] o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (Menino André, da lenda do menino do pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu – 1983), repercutindo ideias vinculadas, seja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento. (DEBUS, 2017, p. 39)

Lobato e Santos (2012) ressaltam ainda que, em publicações mais recentes já é possível encontrar personagens negras desempenhando papéis de heroísmo, auto afirmando sua identidade, sua cultura, sua ancestralidade africana. Tais obras procuram romper com o preconceito e depreciação do negro e da sua cultura na literatura. Jovino (JOVINO *apud* LOBATO E SANTOS, 2012, p. 3) afirma que as personagens negras de obras mais recentes são encontradas em situações comuns, do cotidiano, resistem e enfrentam o preconceito de inúmeras formas, resgatam sua identidade racial, representam funções sociais diferentes dentro das narrativas, valorizam as mitologias, as religiões e ainda valorizam a tradição oral africana.

Contudo, é imprescindível reafirmar que, essas mudanças na literatura infantil sobre a forma de pensar o sujeito negro não foi uma tarefa simples. Diversas lutas foram travadas pelo Movimento Negro em diferentes campos sociais. A valorização da cultura africana e afro-brasileira, as relações étnico raciais, são resultantes de inúmeros questionamentos, debates e reflexões, principalmente no campo educacional. Assim, vemos a importância dessas obras na contribuição de uma educação antirracista. Dessa forma, reformulações didáticas e pedagógicas tornam-se emergentes nos âmbitos educacionais, reafirmando seu essencial papel com o compromisso social e ainda por uma questão de cumprimento às leis.

A Lei Federal nº 10.639/2003 é um fator imprescindível na luta contra a cultura racista no Brasil, que predomina desde o período Colonial, e para a reafirmação da cultura africana e afro-brasileira. Segundo Debus (2013), embora a implementação e institucionalização da Lei em questão não tenham sido efetivadas amplamente, sua criação tornou possível a inserção das questões étnico-raciais nas redes escolares, tanto públicas como privadas. A Lei torna obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira na Educação Básica. Outro fator que auxiliou na inclusão desta temática nas escolas foi a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. A temática deve ser trabalhada em todas as atividades escolares de forma interdisciplinar, principalmente nas disciplinas de Artes, Literatura e História.

A autora ainda afirma que, os temas que tratam da cultura africana e afro-brasileira além de contemplar a população negra, se referem a todo o conjunto de brasileiros, envolvidos em uma sociedade multicultural e multiétnica. Os impactos das relações étnico-raciais

vividos tanto por crianças como por adultos são mais visíveis no âmbito escolar, sendo assim, a escola torna-se o principal lugar de discussões sobre esta temática. O ambiente escolar deve proporcionar um lugar que favorece o respeito ao próximo, às suas diferenças, e ainda poder discutir sobre elas sem medo ou constrangimento.

Com a sanção da Lei 10.639/2003 o reconhecimento da diversidade étnico-racial ganhou força, bem como a valorização da história e da cultura negra para uma educação antirracista. Porém, Debus (2017) aponta que, ainda há uma grande discussão a respeito da Lei, sua aceitação se deu forma parcial, pois a importância da temática étnico-racial nas escolas ainda permanece em discussão.

Mesmo diante das discordâncias provenientes dessas grandes discussões é possível notar que, nos últimos anos, muitos autores têm se debruçado sobre as questões étnico-raciais em suas produções literárias para o público infantil.

3.1. NARRATIVAS FEÉRICAS COM PERSONAGENS NEGRAS

Os títulos *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015), ambos adaptados por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, e ilustrados por Walter Lara, foram selecionados para esta análise, pois identificamos neles a possibilidade de exemplificar o que até aqui temos tratado, a transposição do conto de fadas tradicional em conto de fadas moderno, para além pensarmos a introdução da temática africana e afro-brasileira em um tipo de narrativa com origem marcadamente europeia.

Os títulos escolhidos para análise foram publicados pela Editora Mazza (Belo Horizonte) que foi criada na década de 1980 por Maria Mazarello Rodrigues e tem forte compromisso com as discussões étnico-raciais, tornando-se uma das editoras brasileiras referências sobre o tema, tendo investido na “publicação de autores / autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil”. (MAZZA, 2017)

Os títulos fazem parte da “Coleção Pra Lá e Pra Cá” que é composta de mais dois títulos, *Joãozinho e Maria* (2012) e *Afra e os três lobos guará* (2015), produzidos pelos mesmos autores e ilustrador e consistem também na confecção de uma nova roupagem para os contos

de fadas tradicionais ao trazer elementos da cultura brasileira e africana e inserindo as personagens protagonistas como negras.

Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho são mineiros e tem sua trajetória de escrita vinculada ao público infantil e juvenil, bem com o também mineiro Walter Lara que tem ilustrado vários livros infantis ao longo de sua carreira como artista plástico e ilustrador. Vale demarcar que os três são brancos, não que esse dado entrará em discussão, mas para que o leitor compreenda que o vínculo com a editora está pela temática dos títulos e não pela publicação de autores/as negros/as.

No que se refere aos paratextos dos livros em análise, ambos medem 25cm por 17 cm, o primeiro tem 16 páginas e o segundo 24 páginas, as guardas são de uma única cor (vermelho e amarelo) e ambos têm uma orelha onde consta a biografia dos autores e do ilustrador, acompanhada de fotografias. Na contracapa apresentam, diferentemente da maioria dos livros que trazem uma sinopse da narrativa, uma referência aos contos de fadas europeus e seus (re)criadores, lembrando a suas nacionalidades e as suas representações de personagens brancas, no caso dos livros nas capas e ilustrações, que adentrando o espaço escolar não proporcionam as crianças não brancas a identificação. (TEXTO CONTRACAPA, 2017), destacando que os autores:

(...) com sua larga vivência na literatura infantil, recontam essas histórias, ambientando-as nas diversas regiões do nosso país, transformando personagens que nada têm de brasileiros em seres com nosso rosto e nossa pele, enfrentando monstros e bruxas de nosso imaginário cultural. (TEXTO CONTRACAPA, 2017)

Como destacamos anteriormente, as narrativas feéricas têm origem no imaginário popular e transitaram os séculos por meio da oralidade. Guardadas na memória do povo foram compiladas em épocas e espaços geográficos diferentes, criando o que chamamos hoje de contos maravilhosos infantis ou contos de fadas. Foram seus compiladores Charles Perrault (na França do século XVII) e Jacob e Wilhelm Grimm (na Alemanha, do século XIX) e, sem sombra de dúvidas fazem parte do imaginário coletivo de gerações e gerações, como destaca Debus (2006), quando analisa as propagandas que buscam seduzir os consumidores para a compra de diferentes produtos por meio de elementos ou personagens dessas narrativas.

Para modernizar um conto, fazer uma releitura trazendo-o para os tempos atuais ou inserindo elementos novos, é necessário que o autor dialogue com o texto de origem, bem como é preciso que o leitor conheça essa narrativa matriz para que compreenda o jogo intertextual elaborado no momento da escrita. No caso das histórias aqui adaptadas é necessário que saibamos que Charles Perrault compilou a narrativa *Cinderela* e os Irmãos Grimm as narrativas *Rapunzel* e *A Gata Borralheira* (denominação para o conto Cinderela).

No caso da *Cinderela* encontrada pelos autores nos seus respectivos países é necessário que elas divergem em algumas passagens. Na história contada pelos Irmãos Grimm o baile acontece três noites, e não uma, como na versão de Perrault; o auxiliar mágico não é uma fada madrinha e sim os pássaros e uma árvore mágica, acrescentando peripécias após ao baile até o príncipe, na terceira noite encontrá-la. Desse modo, ao buscarmos as distinções entre os contos trabalharemos com a versão de Charles Perrault de Cinderela, pois é a versão mais conhecida e a versão de Rapunzel dos irmãos Grimm.

3.2. ANÁLISE DAS NARRATIVAS FEÉRICAS COM PERSONAGENS NEGRAS

Para nossa leitura dos dois títulos em tela, dialogamos com as características estilísticas e estruturais da narrativa primordial novelesca e as características estilísticas e estruturais da narrativa contemporânea, elencadas por Nelly Novaes Coelho (2000) no que se refere ao recurso narrativo, efabulação, narrativa, tempo, espaço, ato de contar, personagens, realidade e imaginação e nacionalismo. Acreditamos que tal análise nos permite exemplificar a entrada dos componentes que ressignificam as narrativas feéricas tradicionais.

O primeiro livro selecionado *Rapunzel e o Quibungo* (2012) conta a história de Rapunzel, uma menina nascida na Bahia cujos cabelos eram “tão compridos que eram maiores do que ela”. Um dia, brincando e cantando na beira da lagoa de Abaeté, a menina foi raptada pelo Quibungo, encantado com seu lindo canto ele a trancou em uma torre de bambu no alto de uma castanheira.

Figura 1 - *Rapunzel e o Quibungo*

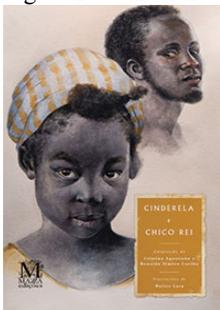


Fonte: Site da Editora. Disponível em <http://www.mazzaedicoes.com.br/>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

Depois de alguns anos, Darakai, um príncipe que passava por perto da torre, ouviu o canto de Rapunzel e também se encantou com aquela voz bela e triste. O menino príncipe achou estranho aquela torre tão alta, porém sem portas, mas continuou indo ao local para ouvir a música. Certo dia, Darakai viu o Quibungo chegar perto da torre com um cesto cheio de mandioca, farinha e peixe, e ouviu o monstro chamar por Rapunzel e pedir que jogasse seus cabelos.

Darakai ficou muito feliz, pois agora havia descoberto como subir naquela torre. Finalmente, quando o monstro desceu, o menino chamou por Rapunzel e ela jogou suas belas tranças. O príncipe levou para a menina um cesto cheio de frutas, coco, cupuaçu, cajá, umbu, graviola. E ainda, um colar feito com sementes coloridas. Os dois se apaixonaram de imediato e, pela primeira vez “Rapunzel cantou uma canção alegre”. Rapunzel contou ao menino como havia sido raptada, então, Darakai disse que no dia seguinte iria trazer uma escada de bambu para tirá-la dali. Mas, a menina havia se esquecido de tirar o colar de sementes então, quando Quibungo chegou e viu o colar se enfureceu e cortou as tranças da menina.

Figura 2 - Cinderela e Chico Rei



Fonte: Site da Editora. Disponível em <http://www.mazzaedicoes.com.br/>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

Ao voltar à torre, Darakai foi surpreendido pelo monstro que havia amarrado as tranças cortadas de Rapunzel na ponta de um bambu. Rapunzel tentou avisar o príncipe, mas era tarde demais, Quibungo o empurrou janela abaixo. O menino caiu em cima de plantas espinhosas e acabou ficando cego. O monstro dava gargalhadas de Darakai, mas acabou se dando mal, Rapunzel esbarrou nele que se desequilibrou, despencando lá de cima da torre. Quibungo tentou falar palavras mágicas para se transformar em morcego e sair voando, mas não conseguiu, se espatifou em mil pedacinhos no chão. Rapunzel desceu rapidamente pela escada de bambu trazida por Darakai para ajudá-lo. As lágrimas de Rapunzel curaram as feridas do príncipe que, logo voltou a enxergar. Os dois saíram felizes e “Darakai levou Rapunzel para perto de seu povo, onde viveram juntos pelo tempo afora.”

O segundo livro que tratamos nesta análise *Cinderela e Chico Rei* (2015) conta a história de uma menina chamada Abioye. A história conta que, “há muito tempo, em Vila Rica, num sobrado da Rua Direita”, vivia essa menina. Seus pais, reis na África, morreram durante uma viagem em um navio negreiro, a menina, agora órfã, foi comprada como escrava por uma mulher muito má que tinha duas filhas, Mafalda e Fiona. Abioye trabalhava dia e noite na casa de sua dona, no meio da fuligem e das cinzas do fogão a lenha. Como viva suja de cinza, as irmãs apelidaram-na de Cinderela. A menina não retribuía as maldades que eram feitas com ela. Certo dia, ela ouviu alguém anunciando que Chico Rei daria um baile em seu palácio. Ele era muito rico, ex-escravo que comprara sua liberdade e a de muitos outros escravos.

Cinderela ficou triste, pois não tinha roupa para ir ao baile e nem sapatos. Mafalda e Fiona obrigaram a pobre menina a trabalhar

como nunca, arrumando-as para o baile. Cansada de tanto trabalhar, Cinderela não teve tempo de concertar seu único vestido velho. A dona de Cinderela disse que não poderia esperá-la para ir ao baile e disse que ela precisava aprender a não ser tão preguiçosa. Chorando na cozinha, triste por não poder ir ao baile, Cinderela ouviu uma voz que vinha de trás de uma nuvem brilhante, muito pequena, mas que iluminou a cozinha, era sua fada madrinha. A fada, então, fez uma carruagem para que Cinderela fosse ao baile, bem como dois cavalos, um cocheiro e dois lacaios. Além disso, a menina ganhou o mais belo vestido de baile.

A fada lembrou Cinderela de que a meia noite a magia iria acabar e, antes que o relógio tocasse a última badalada ela devia voltar para casa. Chegando ao baile todos os olhos voltaram-se à Cinderela e, logo Chico Rei foi tirá-la para dançar. Ninguém havia reconhecido Cinderela e ficaram com muita inveja da linda moça. Ao soar a primeira badalada, a moça se assustou e saiu correndo, deixando para trás um chinelinho de cristal encontrado por Chico Rei. No dia seguinte, Chico Rei anunciou que se casaria com a dona do chinelinho, foi de casa em casa atrás da moça. Chegando à casa de Cinderela, as irmãs fizeram de tudo para que o chinelinho coubesse em seus pés, porém não tiveram sucesso. Mas, quando Cinderela provou o chinelinho coube perfeitamente.

Nesse momento a fada madrinha reapareceu e fez uma nova mágica, Cinderela desapareceu e Abioye apareceu com seus trajes maravilhosos de princesa. Chico Rei a levou para o palácio, “Abioye, filha de reis, rainha se tornou. E viveram felizes pelo tempo afora”.

1. **Títulos:** convergem de imediato para a introdução dos elementos afro-brasileiros. Em *Rapunzel e o Quibungo* (2012) se estabelece na inserção da personagem Quibungo, que vem substituir a bruxa da versão europeia, presente em registros de contos orais na Bahia e Minas Gerais, ele “é uma espécie de bicho-papão, com uma enorme boca nas costas, por onde engole crianças e, em algumas narrativas, aparece sob diferentes formas e denominações” (SOUZA, 2016, p.69). Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) é acrescido ao título da narrativa tradicional o nome Chico Rei, personagem histórica que viveu no Brasil no século XVIII, que aparece na história como “um mítico rei africano escravizado que, tendo sido levado para Vila Rica, conseguiu alforriar a si e aos membros de sua ‘tribo’, reassumindo então, nas Minas, a condição de realeza que trazia da África” (AGOSTINHO; COELHO, 2015).

2. **Nomes das personagens:** Em *Rapunzel e o Quibungo* (2012) outro elemento da cultura afro-brasileira se encontra no nome do príncipe Dakarai que tem origem africana e significa felicidade. Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) a personagem feminina (Cinderela) é Abioye que, segundo nota abaixo da ficha catalográfica, significa nascida durante a coroação, de origem Iorubá (Nigéria/África Ocidental). A menina veio do continente africano e encontra-se escravizada depois que seus pais morreram durante a viagem no Navio Negroiro, maltratada constantemente por Fiona e Mafalda. E Chico Rei, personagem histórica que viveu no Brasil no século XVIII.
3. **Elementos da cultura afro-brasileira:** A torre apresentada na história de *Rapunzel e o Quibungo* (2012) é feita de bambu, que fica no alto de uma castanheira. As comidas presentes na narrativa também fazem parte da culinária brasileira: mandioca, farinha e peixe, além das frutas, coco, cupuaçu, cajá, umbu e graviola. Muito diferente dos rapôncios plantados no jardim da fada Gothel da história tradicional dos irmãos Grimm.
4. **Características físicas das personagens:** Em *Rapunzel e o Quibungo* (2012) as ilustrações mostram claramente os aspectos físicos das personagens que condizem com a pessoa negra. Rapunzel, diferentemente da personagem apresentada no conto tradicional de Grimm como uma menina de “cabelos maravilhosos, finos como ouro trançado” (IRMÃOS GRIMM, 2012, p. 74), é apresentada com cabelos negros, cacheados, é uma personagem cujos traços negros são bem característicos, cabelo, cor da pele, lábios volumosos e avermelhados. Darakai, o príncipe, também possui essas mesmas características, com vários tererês nas pontas de seus cabelos. Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) muitas das personagens são representadas na ilustração como negras, Cinderela, o rapaz anunciante do baile, o cocheiro, a fada madrinha, e Chico Rei. Muito diferente dos contos tradicionais com personagens de características eurocêtricas. Cinderela, após transformação pela fada, aparece com um cabelo estilo Black Power.
5. **Recurso narrativo:** Além do texto escrito, os títulos em questão tem grande apelo visual, e a ilustração se faz companheira imprescindível. Na narrativa *Rapunzel e o Quibungo* (2012), é pela ilustração que se constata que Rapunzel é negra, no texto não há nenhuma referência a sua origem étnica, não há alusão nem a cor de seu cabelo nem de

sua pele. Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) há referências escritas sobre a constituição étnica das personagens: Abioye, filha de reis africanos que foi vendida como escrava e Chico Rei escravo alforriado. Além da escrita é possível verificar imagens belíssimas dessas personagens. Assim, a ilustração é essencial nos títulos em questão para verificarmos as escolhas pela valorização das características étnico-raciais das personagens de forma positivada.

6. **Efabulação:** De antemão anunciamos que as características como início da efabulação e os motivos, pouco divergem entre os contos tradicionais e os contos contemporâneos, pois elas seguem um curso linear se iniciando de imediato com o motivo central da história.
7. **Narrativa:** os motivos de situações de trabalho, situações de casamento e situações de explorações também se efetivam tanto nos contos tradicionais como nos contos contemporâneos. Vejamos então as marcas de contemporaneidade efetivada pelos autores de *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015).
8. **Tempo e espaço:** No caso dos contos de fadas tradicionais *Rapunzel* (IRMÃOS GRIMM, 2012) e *Cinderela* (PERRAULT, 2016) o tempo é indeterminado (a-histórico), marcado pelo pretérito imperfeito: “Era uma vez um homem e uma mulher que a muito desejavam ter filhos (...)” (IRMÃOS GRIMM, 2012, p. 201); “Era uma vez um fidalgo que desposou (...)” (PERRAULT, 2016, p.73), bem como o espaço não é significativo, não sendo localizado geograficamente. Nas narrativas contemporâneas em análise, essas características convergem para a ruptura. No caso de *Rapunzel e o Quibungo* (2012), o tempo embora não seja destacado “Há muito tempo (...)” é seguido da localização geográfica, “na Bahia” e a menina quando é raptada está brincando na Lagoa de Abaeté. Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) o início temporal é marcado também pelo pretérito imperfeito “Há muito tempo” para logo ser apresentada a localização geográfica, “em Vila Rica”, nominação da atual Ouro Preto (Minas Gerais), referendando ainda mais o espaço ao trazer que “Naquela época, as minas de ouro de Vila Rica atraíam tanta gente que a cidade tinha mais habitantes que as grandes cidades da Europa (...)” (AGOSTINHO; COELHO, 2015), se o tempo era

indeterminado, ele se torna situado, no século XVIII, período da fase auge da extração de minério.

9. **Personagens:** Nos títulos em questão as personagens-tipo aparecem, nos contos tradicionais elas surgem desempenhando funções nos grupos sociais como em *Rapunzel* (IRMÃOS GRIMM, 2012) em que “havia um homem e uma mulher”, as personagens não possuem nome específico, mas ao desenrolar da história é possível saber que são os pais de Rapunzel. A narrativa também apresenta personagens como a fada e o príncipe. Em *Cinderela* (PERRAULT, 2016) identifica-se o fidalgo, a madrasta, o rei, o príncipe, entre outros. Nas narrativas contemporâneas as personagens-tipo também aparecem como o príncipe Darakai, o monstro Quibungo, Chico Rei, a princesa Abioye, filha de reis, a fada madrinha, o cocheiro, e os lacaios, estes também desempenham funções sociais, porém seu papel maior é questionar a cultura branca presente na maioria dos contos de fadas. Todas as personagens são negras, reportando explicitamente à cultura africana e afro-brasileira, muitas vezes desmerecida em tais narrativas.
10. **O ato de contar:** Está inserido na própria efabulação e faz mediação entre a situação narrada e o leitor: “Era uma vez um homem e uma mulher que havia muito desejavam ter um filho (...)” (IRMÃOS GRIMM, 2012); “Era uma vez um fidalgo que desposou (...)” (PERRAULT, 2016); “Há muito tempo, na Bahia, aconteceu uma coisa fantástica: nasceu uma linda menina com cabelos muito compridos” (AGOSTINHO; COELHO, 2012); “Há muito tempo, em Vila Rica, num sobrado da Rua Direita, vivia uma linda menina chamada Abioye” (AGOSTINHO; COELHO, 2015). Vale lembrar que essas narrativas surgiram da tradição oral, sendo assim esse recurso narrativo servia para prender a atenção dos ouvintes. Ainda hoje, tal recurso é muito utilizado para se contar histórias e criar uma forma atrativa de chamar as pessoas para ouvirem “Era uma vez (...)”.
11. **Nacionalismo:** O enredo das narrativas em tela *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015) confluem para finais que merecem uma reflexão atenta. Na primeira, ao final da história de Rapunzel, Darakai a leva para perto de seu povo. Darakai, como já informado, é um nome de origem africana, logo, deduz-se que este esteja voltado as suas origens. Rapunzel, assim, pode ir em busca de suas raízes perdidas

devido ao longo tempo passado na torre. Na segunda, Chico Rei é uma personagem que conseguiu se livrar da escravidão e ter de volta sua vida de Rei africano. Abioye, que havia ficado órfã e vivera como escrava, ao final da história recupera sua identidade africana de princesa que havia sido esquecida. Aqui vemos o “felizes para sempre” dessas personagens quando recuperam sua cultura esquecida, quando se livram da escravidão e da prisão e podem, enfim, redescobrir sua identidade, sua naturalidade.

12. **Realidade e imaginação:** Em *Cinderela e Chico Rei* (2015) é possível perceber que a tarefa da fada não é apenas satisfazer o desejo de Cinderela em ir ao baile e ter roupas novas. Mais do que isso, a fada busca trazer à tona a verdadeira identidade de Cinderela, as suas raízes esquecidas, é auxiliar a tornar visível sua identidade, “De pedras preciosas vestida e chinelinhos de cristal, ela vai ser a perfeita de sua Alteza Real. Pim-pam-pum! Na mesma hora, Cinderela desapareceu e Abioye surgiu maravilhosa em seus trajes de princesa”. (AGOSTINHO; COELHO, 2015). A identidade da princesa africana é redescoberta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi elaborado com o objetivo de fazer um estudo sobre os contos de fadas modernos que apresentam personagens negras como protagonistas. Para a realização da pesquisa se buscou dois títulos que trouxessem em suas narrativas elementos da cultura africana e afro-brasileira, com foco nas personagens negras vivendo no Brasil, são eles *Rapunzel e o Quibungo* (2012) e *Cinderela e Chico Rei* (2015). A análise foi construída com o intuito de compreender a importância das narrativas contemporâneas para a construção de uma educação que supere os estereótipos e colabore para uma educação antirracista. Os referenciais teóricos selecionados para a construção deste trabalho proporcionaram suporte para ter uma maior compreensão das relações étnico-raciais, bem como seus desafios.

O trabalho teve início com um breve histórico sobre os contos de fadas tradicionais e a importância deles para a Literatura Infantil. A partir dessa trajetória histórica foi possível compreender a consolidação dos contos de fadas contemporâneos e sua relevância ainda à sociedade quando trazem em suas narrativas os desafios, problemas e dificuldades enfrentados pelo mundo moderno.

As narrativas, tanto tradicionais com modernas, seguem encantadoras e maravilhosas. No entanto, os contos contemporâneos se mostram cada vez mais intensamente relacionados com a realidade presente. Neles são possíveis de se verificar questões que são pouco tratadas, e como são fundamentais para a formação leitora das crianças e jovens. Partindo desse pressuposto, a literatura é um fator essencial na construção da identidade individual, cultural e étnica, assim destaca-se a importância das releituras dos contos que podem trazer reflexões sobre as práticas antirracistas no universo infantil e juvenil, tanto no âmbito escolar como fora dele.

Em seguida, discutimos sobre a Lei n o 10.639/2003 e sua importância para a circulação das narrativas que trazem personagens negras no mercado editorial. Apesar do pouco conhecimento sobre essa Lei pelas pessoas e de sua aceitação ainda permanecer em discussão, a Lei conseguiu trazer o reconhecimento da diversidade étnico-racial, a valorização da história e da cultura negra, e é relevante na construção de uma educação mais humana, que defenda a igualdade de oportunidades.

Por último trazemos a análise dos títulos selecionados, os elementos abordados na análise são essencialmente importantes para

pensarmos na inversão dos contos tradicionais para os contos contemporâneos e os novos princípios que apresentam. Assim, pensando nas características que são valorizadas nessas histórias contemporâneas torna-se possível problematizar as relações étnico-raciais e os padrões estabelecidos por uma cultura eurocêntrica. Fraturando a hegemonia das histórias que, muitas vezes, discriminam, desprezam e desvalorizam a cultura africana e afro-brasileira. O objetivo dos contos de fadas modernos é criticar os estereótipos há muito tempo concebidos, ampliar os conceitos de belo e de bom, e ir em busca de uma sociedade mais justa que respeita as diferenças.

A leitura dos contos, além de entretenimento desempenha funções muito mais importantes na vida do sujeito, ela é capaz de auxiliar na formação da personalidade da criança e do jovem, dá suporte para a vida em sociedade, e ainda pode auxiliar na sua visão de mundo e de si mesmo. Assim, O trabalho com a cultura africana e afro-brasileira nas escolas deve ser feito durante todo o ano, e não somente no mês ou dia da consciência negra, 20 de novembro. É possível encontrar um arsenal de obras que trazem elementos dessa cultura tão enraizada no Brasil, uma cultura por vezes desvalorizada e desmerecida.

Nesse contexto é preciso considerar a formação do professor, pois, no que tange a escola, é ele quem será um dos responsáveis por apresentar as obras que trazem elementos da cultura africana e afro-brasileira às crianças e jovens. O professor precisa conhecer a importância dessas narrativas na formação identitária e leitora de seus alunos, e a importância da cultura africana na história de nosso país. Os contos contemporâneos que trazem personagens negras levam a refletir sobre a história dos negros no Brasil, não somente quando foram “arrancados” de sua terra e trazidos, escravizados, em navios negreiros para o país, mas entender que sua história vai além da escravatura, que existe uma cultura própria desse povo, que podem ser, sim, representados por reis e rainhas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. *Rapunzel e o Quibungo*. Il. Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

_____; _____. *Cinderela e Chico Rei*. Il. Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2015.

ARBOLEYA, Valdinei José. *O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros*. In: Patrimônio Cultural. 27 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-negro-na-literatura-infantil-apontamentos-para-uma-interpretacao-da-construcao-adjetiva-e-da-representacao-imagetica-de-personagens-negros/> Acessado em 06 de outubro de 2017.

BELARMINO, Renata Cristina; BORGES, Larissa Amorim; MAGALHÃES, Manuela de Souza. *A princesa branca dos contos de fadas e a mulher negra da vida real: uma discussão sobre gênero e raça no conto da Cinderela*. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277933453_A_RQUIVO_fazendogenero-Modificado.pdf. Acesso em 06/10/2017.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos*. 1 Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEBUS, Eliane. *A Literatura Angolana para a infância*. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. Florianópolis: NUP, 2017.

DEBUS, Eliane; MICHELLI, Regina. *Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Dialogarts/UERL, 2015.

DEBUS, Eliane. *Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil*. Paulus: São Paulo, 2006.

GASPAR, Tarcísio de Souza. Lenda Admirável: história e historiografia do mito de Chico Rei. In: Marcelo de Mello Rangel; Marcelo Santos de Abreu; Rodrigo Machado da Silva (Orgs.). *Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto*. Ouro Preto: EDUFOP, 2014.

IRMÃOS GRIMM. *Contos maravilhosos infantis e domésticos – 1812-1815*. Trad. Christiane Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LOBATO, Ladyana dos Santos; SANTOS, Ana Rosa Pereira. *Personagens negros na literatura infantil: análise de o menino Nito, de Sonia Rosa*. In: Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, Realize Editora, 2012.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAZZA. <http://www.mazzaedicoes.com.br/>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

Texto contracapa. *Cinderela e Chico Rei*. Il. Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2015.

MORAIS, Ivone Torres. *Contos de fadas tradicionais e contemporâneos: uma forma de aprendizagem da leitura e da produção textual*. Medianeira, 2014.

PERRAULT, Charles. *Contos de Charles Perrault*. Il. Gustave Doré. Apresent. Notas e guia de leitura Anni Collognat-Barès; Dominique Brunet; Frédéric Drone. Trad. Eliane Bueno-Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 2016.

SOUZA, Josiley Francisco de. Pelas tramas do Quibungo. In: *Em tese*. Belo Horizonte v. 22 n. 2 maio-ago. 2016.

file:///C:/Users/Usuario/Downloads/11791-34604-1-PB.pdf Acessado em 20 de outubro de 2017

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas Infantis. In: SARAIVA, Juracy (Org.). *Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIEIRA, Adriane Cristina Cantão. *As princesas negras que encontrei: por uma educação literária antirracista*. Florianópolis, 2016.